

FRAGMENTOS DE CARAPAÇA E PLASTRÃO DE TESTUDINES FÓSSEIS EM SEDIMENTOS DA PLANÍCIE COSTEIRA (PRAIA DO HERMENEGILDO) DO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

AIRES, Alex Sandro Schiller¹

asschillera@gmail.com

DORNELLES, José Eduardo Figueiredo¹

*1. Universidade Federal de Pelotas-Instituto de Biologia-Depto. de Zoologia e Genética-Laboratório de Zoologia e Paleontologia de Vertebrados
jefdornelles@yahoo.com.br*

REICHERT, Leici Maria Machado²

*2. Universidade Federal de Pelotas-Instituto de Biologia-Depto. de Microbiologia e Parasitologia
leicimaria@gmail.com*

LOPES, Renato Pereira³

*3. Universidade Federal do Rio Grande-Instituto de Oceanografia-Setor de Paleontologia
paleonto_furg@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

Os Testudines (tartarugas ou quelônios) são um grupo muito antigo de répteis, com registros desde o Triássico Superior da Alemanha, que apresentam o corpo recoberto por uma carapaça óssea (casco) revestida por escamas córneas ou, em alguns casos, semelhante a um couro, além de algumas características morfológicas particulares, tais como a ausência de fenestras temporais no crânio (tipo anápsido), osso quadrado sem mobilidade, boca desdentada e provida de um bico córneo, ausência do externo, entre outras (CARROLL, 1988; HSIU, 2009a).

Ao longo dos sedimentos da planície costeira do Rio Grande do Sul, são comuns achados referentes a mamíferos, porém em se tratando de répteis, os registros são bastante escassos (MACIEL *et al.*, 1996; HSIU, 2007; HSIU, 2009a-b). Os Testudines estão representados por alguns fragmentos de carapaça (casco) e de pós-crânio, oriundos de retrabalhamento pelas ondas do mar, que os retiram da Plataforma Continental com profundidades que podem superar 50 metros, e os trazem para a praia, tornando difícil a análise do contexto estratigráfico no qual se encontravam. Tais materiais podem variar entre idades de 650 até 18 mil anos (LOPES, 2009; HSIU, 2009b).

Este trabalho tem por objetivo registrar novas ocorrências e analisar o estado de preservação, de materiais pós-cranianos de Testudines, nos sedimentos da planície costeira do Rio Grande do Sul, próximo à Praia do Hermenegildo.

2. METODOLOGIA

Os materiais foram coletados em datas distintas, entre os anos de 2006 a 2010, e constam de 20 fragmentos encontrados rolados na zona de praia. Foram tombados pela coleção Paleomastozoológica da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) com as respectivas designações numéricas 1 a 20 sob a sigla LGP-T.

A identificação preliminar se deu por comparações morfológicas com peças de algumas espécies recentes pertencentes ao Laboratório de Zoologia de Vertebrados (LZV) do Departamento de Zoologia e Genética (Instituto de Biologia) da Universidade Federal de Pelotas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As peças analisadas estão muito fragmentadas, com fraturas ocasionadas pela ação do retrabalhamento das ondas, além de um acentuado desgaste e polimento causado pela abrasão dos grãos de areia. Das 20 peças fósseis, 13 consistem em fragmentos da carapaça dorsal, com tamanhos que variam de 1,1 cm até 10,6 cm de comprimento e 2 cm de espessura; sendo esses últimos, muito semelhantes aqueles pertencentes à tartaruga marinha da espécie *Caretta caretta*.

Um fragmento da série marginal, com 3 cm de comprimento, pode talvez ser pertencente a *Trachemys dorbigny* (tigre-d'água). A confirmação desse dado só poderá ser efetivada com materiais mais completos. As sete peças restantes consistem em fragmentos de plastrão pouco diagnosticáveis. Todos eles apresentam coloração escura, peso maior e rigidez, típica da mineralização ocorrida pelos processos tafonômicos marinhos do Pleistoceno (LOPES, 2009), o que os torna com baixo grau de preservação, dificultando uma classificação mais detalhada a nível taxonômico. Além disso, por terem sido encontrados ao longo da linha de praia, impede qualquer modelagem mais precisa que envolva verificações de contexto estratigráfico mais consistentes.

4. CONCLUSÃO

O relato sobre a ocorrência das referidas peças fósseis faz-se útil para o enriquecimento das informações paleofaunísticas específicas para o final do Pleistoceno da Planície Costeira do Rio Grande do Sul. As ocorrências de Testudines para tais depósitos não são frequentes, além de que a bibliografia sobre os mesmos é muito escassa. Esta informação poderá somar-se aos dados existentes, os quais juntos com a coleta de materiais mais completos, podem implicar futuramente em estudos tanto de composição taxonômica, quanto paleoecológicos, já que representantes de Testudines são relativamente importantes em termos de diagnose paleoambiental, consistindo em referências como paleoindicadores para modelagens de ecossistemas extintos.

5.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARROLL, Robert L. **Vertebrate Paleontology and Evolution**. 1.ed. New York: W.H. Freeman and Company, 1988. 650 p.

HSIOU, Annie Schmaltz. O estado atual do registro fóssil de répteis e aves no Pleistoceno do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. In: **QUATERNÁRIO DO RS: INTEGRANDO CONHECIMENTOS**, 1, Canoas, 2007. Anais do Quaternário do RS: Integrando conhecimentos. Resumos expandidos, Canoas, ULBRA, 2007. p. 23-24.

HSIOU, Annie Schmaltz. Répteis e Aves do Pleistoceno do estado do Rio Grande do Sul. In: DA ROSA, Átila Augusto Stock: **Vertebrados Fósseis de Santa Maria e Região**. Santa Maria: Pallotti, 2009. Capítulo 15, p.321 – 338. (a)

HSIOU, Annie Schmaltz. O registro fóssil de répteis e aves no Pleistoceno final do Estado do rio Grande do Sul, Brasil. In: RIBEIRO, Ana Maria; BAUERMANN, Soraia Girardi; SCHERER, Carolina Saldanha: **Quaternário do Rio Grande do Sul: Integrando conhecimentos. Monografias da Sociedade Brasileira de Paleontologia**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Paleontologia, 2009. Capítulo 3, p.171-191. (b)

LOPES, Renato Pereira. **Alterações Post Mortem (Pseudopatologias) em fósseis de mamíferos pleistocênicos do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil**. 2009. Dissertação (Mestrado em Geociências) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

MACIEL, Luís; RIBEIRO, Ana Maria; SEDOR, Fernando. Considerações sobre quelônios fósseis do Quaternário do Rio Grande do Sul, Brasil. **Ameghiniana**, v. 33, n. 4, p. 467, 1996.